

TV exibe filmes  
que brilharam  
em Cannes

PÁGINA 3



Neurocirurgião  
cria peça sobre  
o Alzheimer

PÁGINA 5



Artista indígena  
Xadalu gaúcho abre  
o ateliê no MNBA

PÁGINA 8



## 2º CADERNO



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**rocesso de imersão na floresta, no coração do Amazonas, “A Queda do Céu” se ramifica nas retinas de Cannes desde domingo, quando fez sua estreia mundial na Quinzena de Cineastas levando à França um recorte do Brasil nas raízes do misticismo. Feito em colaboração com o povo indígena ianomâmi, o longa-metragem de Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha segue o líder e xamã Davi Kopenawa enquanto ele luta para devolver o equilíbrio à sua comunidade entre rituais e aforismos filosóficos.

A exploração madeireira ilegal, a mineração de ouro e a mistura mortal de epidemias que as intrusões do garimpo e de outras práticas de predatismo contra a selva são tematizados na plenária que Kopenawa cria numa forma de reza. A contundência de suas reflexões ampliou a adesão da Croisette à produção, que pode levar a lauréa de júri popular de sua mostra em Cannes e concorre ainda ao troféu L’Oeil d’Or, dado a narrativas de não ficção.

“Documentário e ficção se entrelaçam aqui numa mesma chave, numa encruzilhada, pois a linguagem dos Ianomâmi não faz as distinções que fazemos. Ela entrelaça os saberes”, diz Gabriela, uma atriz premiada que se aventurou a filmar o livro “A Queda do Céu”, escrito por Kopenawa e Bruce Albert, após ser dragada pela leitura dele. “Existe performatividade no Davi e no seu povo, que tem um compromisso com a beleza. Por isso o filme tem circularidade”.

Seu companheiro, Eryk, foi premiado em Cannes em 2016 com a lauréa Olho de Ouro pelo .doc “Cinema Novo”, no qual passava em revista a obra da geração responsável por modernizar o audiovisual no país – e da qual fazia parte seu pai, Glauber Rocha (1939-1981).

Continua na página seguinte

Exibido na Quinzena de Cineastas em Cannes, ‘A Queda do Céu’, obteve boa aceitação no festival francês

# Sabedoria da floresta



PALME D'OR  
FESTIVAL DE CANNES

Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha refletem sobre a cosmologia ianomâmi em Cannes com ‘A Queda do Céu’, destaque latino na Quinzena de Cineastas

# Projeto teve **equipe enxuta**



**E**ryk Rocha conta que filmou “A Queda do Céu” com Gabriela contando com uma equipe enxuta, somando seis pessoas ao todo. Ele chegou à fronteira com Roraima pouco antes da pandemia. Registraram entre outras coisas a cerimônia do Reahu, uma espécie de despedida para a morte do sogro de Kopenawa.

Mas esse processo de observação, destaca, não se baseou num dispositivo prévio, nem num empenho de “adaptar” o livro do xamã e de Albert. De acordo com Eryk, suas páginas podem produzir milhares de filmes, sendo infinitas como os espíritos.

“Esse projeto materializa o meu encontro de vida com a Gabi, ou seja, o teatro e o cinema. Só que materializa também o encontro do cinema da gente com o cinema sem câmera dos povos ianomâmi, que se faz de cantos e de danças”, diz Eryk, que esteve em Cannes em 2004 com o curta “Quimera”.

“O grande problema do mundo hoje é que seguimos uma lógica grega, de base aristotélica, segundo a qual o homem está acima de tudo. A cosmologia dos ianomâmi não comporta hierarquias, nem separa natureza de cultura. Não por acaso, no longa, o Céu é personagem, assim como o trovão, a pedra, o igarapé. Nossa inspiração para a gramática com que filmamos veio dessa lógica deles”.

Numa das sequências mais potentes de “A Queda do Céu”, montada com a delicadeza habitual de Renato Vallone (parceiro habitual de Eryk), imagens de arquivo de implosões e explosões traduzem o desastre anunciado do desrespeito ecológico que Kopenawa denuncia. “Ele nos mostra que o sagrado e o místico estão dentro do cotidiano”, diz Gabriela.

Essa colagem de desastres é uma metáfora filmica para o que Kopenawa chama de “fúria da terra”. “O conceito de Queda do Céu do livro dele é o estresse do planeta diante das violências que o ecossistema sofre. O colapso climático, como vimos há



Divulgação

**Gabriela Carneiro da Cunha e Eryk Rocha filmam a cosmogonia da selva de Davi Kopenawa**



Divulgação

**‘Amarela’ representa o Brasil na competição de curtas**



Divulgação

**‘Motel Destino’, de Karim Ainouz, concorre na competição oficial de longas**

pouco no Rio Grande do Sul, é um sinal dessa fúria”, diz Eryk, lembrando que o filme construído a quatro mãos com Gabriela é um reflexo de “um povo que faz

mundo”. “Ali tem um Brasil que sonha longe, enquanto a gente só sonha com a gente mesmo. Os ianomâmi sonham com tudo. O Brasil deles é um país do devir”.

## Brasil em busca da Palma de Ouro

Nesta sexta-feira, o Brasil entra em competição pela Palma de melhor curta-metragem com “Amarela”, de André Hayato Sato. O país ainda pode sair premiado na competição oficial com “Motel Destino”, de Karim Ainouz.

Neste sábado serão conhecidos os ganhadores do festival, decididos por um júri presidido por Greta Gerwig. A decisão será deliberada por ela e uma equipe que reúne: a roteirista e fotógrafa turca Ebru Ceylan; as atrizes Lily Gladstone (EUA) e Eva Green (França); a diretora libanesa Nadine Labaki; o realizador espanhol Juan Antonio Bayona; o ator italiano Pierfrancesco Favino; o cineasta japonês Hirokazu Kore-eda; e o astro francês Omar Sy. Antes, George Lucas, o criador de “Star Wars”, receberá a Palma de Ouro Honorária.

O título de maior potência estética das mostras paralelas à disputa pela Palma é “On Becoming a Guinea Fowl”, de Rungano Nyoni. Mais badalado dos representantes da África no Festival, esta fábula sombria da Zâmbia marca a volta da diretora de “Eu Não Sou Uma Bruxa” (2017). Rungano nos leva aos bastidores de um enterro, no qual a despedida de um tio provoca uma surreal transformação numa família.

Ao lado dele aparece o .doc antirracista “Ernest Cole, Lost And Found”, do ativista Raoul Peck (“Eu Não Sou Seu Negro”). Sua fascinante narrativa cartografa os feitos de um fotógrafo que registrou a bestialidade do Apartheid na África do Sul e fez carreira em NY e na Suécia.

Para a América Latina, há uma série de holofotes apontados para a Argentina por meio dos elogios a “Transmitzvah”, de Daniel Burman. O realizador de “O Abraço Partido” (2004) chega à Croisette com seu melhor filme em anos. Nele, uma cantora de músicas em ídiche perde a voz e precisa da ajuda de seu irmão, com quem não se relaciona há anos, para recobrar sua saúde e cicatrizar feridas familiares. Além de “A Queda do Céu”, que brilhou na Quinzena de Cineastas, o Brasil também se destacou com o divertido “Baby”, de Marcelo Caetano na Semana da Crítica. (R.F.)

Fotos/Divulgação



Cidade Baixa



A Vida Invisível



O Traidor

# É para maratona!



Canal Brasil exibe no sábado nove filmes que foram destaque em edições anteriores do Festival de Cannes



Bacurau

O Festival de Cannes termina neste sábado (25) e o Canal Brasil programou a Maratona Festival de Cannes no sábado, com nove filmes pre-

miados ou exibidos na Croisette. A mostra vai ao ar a partir das 13h30. Além de ser um canal voltado ao audiovisual brasileiro, o Canal Brasil atua na produção de título. Na edição deste ano

do festival, o Canal Brasil marca presença com duas coproduções: “Baby”, de Marcelo Caetano, exibido na terça-feira (21), na 63ª Semana da Crítica de Cannes; e “Motel Destino”, de Karim Aï-

nouz, que teve sua estreia mundial na quarta (22). O novo longa do diretor cearense, rodado em Fortaleza, está na competição oficial pela Palma de Ouro.

A Maratona Festival de Can-

nes começa com “O Cangaceiro”, de Lima Barreto (premiado como Melhor Filme de Aventura e a Menção Honrosa pela trilha sonora em 1953); e segue com “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro”, de Glauber Rocha (Melhor Direção em 1969); “Nelson Pereira Dos Santos - Vida de Cinema”, de Ivelise Ferreira e Aída Marques (exibido na mostra Cannes Classics em 2023); “Cinema Novo”, de Eryk Rocha (prêmio L’Oeil D’Or em 2016); “O Traidor”, de Marco Bellocchio (que concorreu à Palma de Ouro em 2019); “Bacurau”, de Kleber Mendonça Filho (vencedor do Prêmio do Júri em 2019); “Eu Sei que Vou Te Amar”, de Arnaldo Jabor (prêmio de Melhor Atriz para Fernanda Torres em 1976); “A Vida Invisível”, de Karim Ainouz (vencedor da mostra Un Certain Regard em 2019); e “Cidade Baixa”, de Sérgio Machado (premiado com o Award of the Youth em 2005).

## SERVIÇO

MARATONA FESTIVAL DE CANNES

Canal Brasil  
25/5, a partir das 13h30

## CORREIO CULTURAL

Divulgação



**Cia Banto: prestes a se tornar patrimônio imaterial**

## Cia Banto leva roda de jongo ao palco do Rival Petrobras

A Cia Banto, que está em processo para se tornar patrimônio imaterial da cidade, leva nesta quinta-feira (23), às 19h30, para o Teatro Rival Petrobras um espetáculo celebrando a cultura afro-brasileira: “Ancestralidade jogueira, fé e festejos”.

Sambas de roda, ijexás e batuques evocam a conexão entre a devoção à Nossa

Senhora de Santana e a presença materna e protetora de Nanã, orixá feminino de matriz africana.

Na roda de jongo da Cia Banto, passado e presente entrelaçam-se. Fé e festa então se fundem, fazendo com que as vozes de nossos ancestrais ecoem nesta necessária preservação da cultura afrobrasileira.

### Disparou

Exibida originalmente em 2005, “Alma Gêmea” voltou a ser um fenômeno de audiência na Globo em sua segunda reexibição em TV aberta - a primeira foi em 2009. O folhetim de Walcyr Carrasco disparou a audiência em todo o Brasil.

### Premiação

“Kairos”, da alemã Jenny Erpenbeck, venceu o prêmio Booker Internacional, que celebra os melhores livros traduzidos para o inglês. O romance concorria contra a tradução britânica do best-seller brasileiro “Torto Arado” e outros quatro finalistas.

### Força, Milionário!

O cantor sertanejo Milionário, que formava dupla com José Rico, morto em 2015, está internado em José do Rio Preto (SP). De acordo com boletim médico divulgado nas redes sociais da dupla, o artista sofreu um AVC isquêmico.

### Rock in Rio

Encerrado o período de vendas exclusivas para clientes do banco Itaú, a venda geral de ingressos para o Rock in Rio começa nesta quinta-feira (23) a partir das 19h no site [www.rockinrio.ticketmaster.com.br](http://www.rockinrio.ticketmaster.com.br). O festival será realizado entre 13 e 22 de setembro.



“Esse projeto começou pela minha imensa admiração por Euclides da Cunha e por Guimarães Rosa”

Sergio Rezende

# O povo brasileiro contando sua própria história

Canal Brasil promove a estreia do doc. ‘Sertão Sertões, de Sergio Rezende, na telinha

O novo documentário do consagrado diretor brasileiro Sergio Rezende (“Guerra de Canudos”, “Lamarca”, “Salve Geral”, “O Paciente”, “Em Nome da Lei”) estreia nesta quinta-feira (23), às 20h, no Canal Brasil. “Sertão Sertões”, coproduzido pelo canal e narrado pelo cineasta, que assina roteiro e direção, propõe uma reflexão não apenas sobre o Brasil profundo como também sobre o abismo social e as realidades antagônicas de um país dividido. E questiona a profecia de Antônio Conselheiro: “o sertão vai virar mar, e o mar vai virar sertão”.

Filmado entre 2011 e 2021 nos sertões de Canudos (Bahia), Jalapão (Tocantins), Vereda e Salinas (Minas Gerais), agreste de Pernambuco, Marabá (Pará) e nas comunidades do Morro Dona Marta e Rocinha (Rio de Janeiro), Rondônia, Xangai (China), Miami (Estados Unidos), o documentário parte do fascínio de Rezende pelo sertão brasileiro, a partir de duas grandes obras da literatura brasileira: “Sertões”, de Euclides da Cunha, e “Grande Sertão Veredas”, de Guimarães Rosa.

“Esse projeto começou pela minha imensa admiração por Euclides da Cunha e por Guimarães Rosa, que fez uma viagem tocando boia-

da por Minas Gerais antes de escrever “Grande Sertão Veredas”. É um filme que mostra o povo brasileiro contando suas histórias”, diz Sergio Rezende, lembrando que o sertão brasileiro permeia toda sua filmografia. “Lamarca” foi filmado no sertão baiano; “Doida Demais”, no sertão amazônico; Canudos no sertão baiano; e “Quase Nada”, no sertão de Minas”, recorda o realizador.

Ao se aproximar de personagens de diferentes estados, desde capitais até aldeias indígenas e pequenos vilarejos do sertão, Sergio Rezende retrata em “Sertão Sertões” as muitas lutas do cidadão brasileiro contemporâneo, a constante busca por dignidade, pertencimento e justiça nos mais diversos campos da sociedade. Com entrevistas intimistas e pessoais, o filme descortina as diversas violências que separam cada vez mais o “sertão” do “litoral” - literal e figurativamente.

Revisitando o passado do país e traçando paralelos com relevantes momentos da atualidade, Sergio Rezende reflete sobre a natureza humana e as grandes dificuldades da sociedade; sobre a emergência climática e o extrativismo predatório, a miséria no Brasil, a globalização e polarização do mundo no século 21. O diretor joga luz sobre uma discussão que ultrapassa as delimitações espaciais e físicas do território brasileiro, como questões da diversidade de culturas, línguas e dificuldades que assolam o país.

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**“M**aio, Antes Que Você Me Esqueça”, texto e direção de Jair Raso, com Ilvio Amaral e Maurício Canguçu no elenco, retrata com humor e delicadeza, o reencontro de um pai, acometido pelo Alzheimer, com seu filho, de quem durante anos se manteve distante.

“Esta é uma peça de um ato e vários tempos: o tempo de rir, o tempo de se espantar, o tempo de se emocionar. Enquanto isso, o pensamento se debruça sobre o bem que um mal pode causar”, Jair Raso, o autor e diretor com formação em neurocirurgia.

A história criada por Raso questiona o lugar do afeto numa relação entre pai e filho, onde pouco coube a intimidade ao longo dos anos. E neste contexto, as heranças familiares vão muito além da construção de histórias, lugares e bens materiais. “A peça pretende falar sobre o afeto.

Uma doença que desconstrói a memória de uma vida pode ser capaz de construir novas memórias afetivas entre pai e filho. Lembranças, lapsos, ressentimentos e descobertas tecem uma história que nos une como testemunhas de um encontro familiar”, explica Raso, acrescentando que o texto foi escrito pedido dos atores Maurício Canguçu e Ilvio Amaral, que pretendiam abordar o tema Alzheimer no palco.

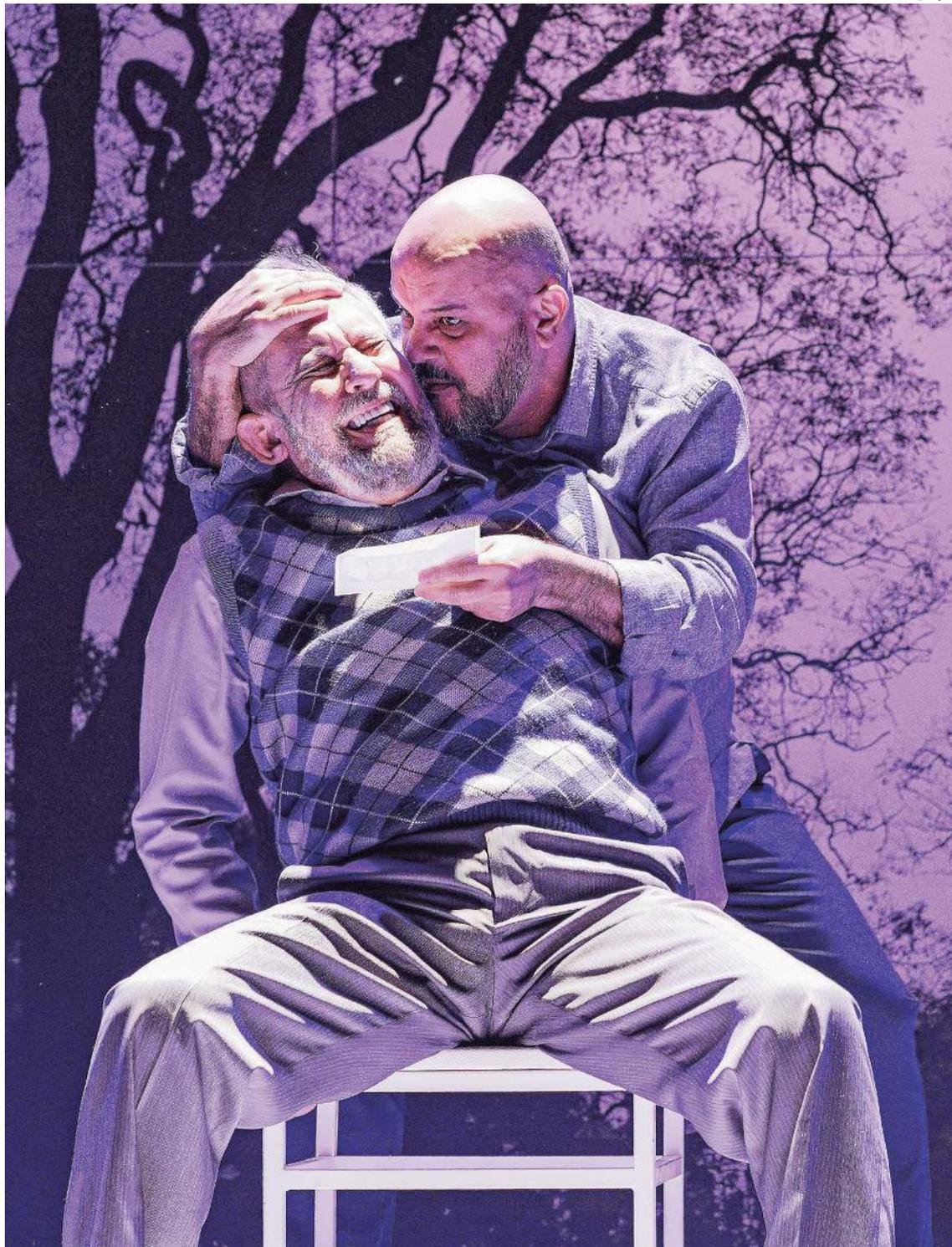
Helio (Ilvio Amaral), que está acometido pelo Alzheimer, precisa passar um fim de semana na casa do filho Mauro (Maurício Canguçu), com quem sempre manteve uma relação distante. Mauro tem uma irmã, que é quem cuida de fato do pai, e um irmão que mora longe e nunca aparece. Durante esses dias juntos, enfrentando estranhamentos e revivendo episódios do passado, pai e filho se redescobrem e ressignificam seus afetos e memórias.

O texto foca nas sutilezas da relação entre pai e filho em meio a lembranças e esquecimentos,

# A dor gera o afeto

As relação de pai e filho que lidam com o Alzheimer é o tema da peça ‘Maio Antes Que eu Te Esqueça’, escrita pelo dramaturgo e neurocirurgião Jair Raso

Pedro Vale/Divulgação



*Ilvio Amaral e Maurício Canguçu (em pé) vivem pai e filho num espetáculo que trata da Doença de Alzheimer com humor e delicadeza*

fundindo humor e drama para falar dos vínculos de afeto de uma mente já tomada pelo esquecimento. “Uma doença crônica e grave como é a doença de Alzheimer pode ser também uma oportunidade para se rever relações de afeto dentro de uma família. Afinal, a doença não afeta só o paciente, mas todo o seu entorno e todas as suas relações”, reflete Raso.

“Após o espetáculo, as pessoas nos esperam na porta do teatro para relatarem fatos que aconteceram em suas famílias e como todo aquele universo é muito próximo dos seus cotidianos. Elas se emocionam e tudo isso nos confirma o quão potente é o teatro, que consegue provocar esta catarse”, conta Maurício Canguçu.

O espetáculo tem o mérito de expor o problema e provocar uma reflexão sobre tema tão atual e próximo às pessoas. Estima-se que a cada 3 segundos alguém desenvolve algum tipo de demência, o que implica mais de 9,9 milhões de novos casos a cada ano.

A doença de Alzheimer (a principal causa de demência entre os idosos) e a demência vascular são os tipos mais comuns de demência, responsáveis por mais de 90% dos casos. “Conhecer mais ajuda a enfrentar uma visão negativa sobre o assunto que pode ser o principal obstáculo para se lidar com a doença de Alzheimer e outras demências. Enfrentando o estigma, é possível encorajar as pessoas a procurarem por mais informações, orientações e a encontrarem ajuda. Por esse motivo, a importância de um espetáculo que abre a discussão sobre tema tão urgente”, defende Raso.

## SERVIÇO

### MAIO, ANTES QUE VOCÊ ME ESQUEÇA

Teatro Fashion Mall

(Shopping Fashion Mall -

Estrada da Gávea, 899 - São

Conrado)

Até 16/6, sextas (20h), sábados

(17h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40

(meia)

# A modernidade que apaga memórias

Livro do pesquisador Carlos Eduardo Drummond contextualiza a a construção e a inexplicável demolição do imponente Palácio Monroe

**E**m nome da modernidade, o Rio de Janeiro passou por grandes transformações urbanísticas. O lado negativo desse histórico é o apagamento das memórias da cidade. O livro “Tempos Modernos” (Libris Editora), de Carlos Eduardo Drummond, esmiúça a polêmica saga do Palácio Monroe, bem antes de sua construção — passando por todo contexto histórico envolvido, — até sua demolição em 1976, sob o pretexto de abrir caminho para a construção do Metrô.

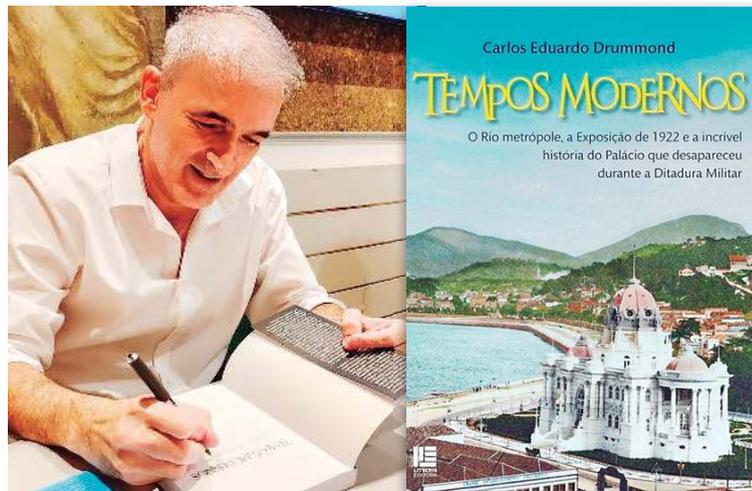
Na apresentação do livro, o historiador João Daniel Almeida comenta que o protagonista da pesquisa de Drummond é o Palácio, que abrigou o Senado Federal até a mudança do Distrito Federal para Brasília. “Sua trajetória é esmiuçada deliciosamente desde muito antes de sua construção, quando ainda era uma ideia. Uma ideia de modernidade neta das Exposições Universais”, diz.

Em 12 capítulos, o livro percorre um arco de tempo partindo da aquisição do território da Louisiana — comprado pelos EUA da França, em 1803 — e vai até a polêmica demolição do Palácio



Reprodução

**Situado onde hoje está a Praça Mahatma Ghandi, o imponente Palácio Monroe foi demolido desnecessariamente, lamenta o pesquisador Carlos Eduardo Drummond em seu livro ‘Tempos Modernos’**



Monroe, em 1976, lançando luz em muitos eventos históricos entre uma ponta e outra, no Brasil e no mundo.

Em sua pesquisa, o autor percebeu que não daria para contar a história do Palácio Monroe sem voltar no tempo para explicar a origem das Exposições Universais, vitrines da modernidade que vi-

nham sendo montadas na Europa e nos EUA, numa época em que o Brasil ainda não era uma República e tampouco abolido totalmente a escravidão.

A existência do Palácio Monroe se insere nesse contexto, pois sua primeira versão serviu de Pavilhão Oficial do Brasil na Exposição Universal de Saint Louis (EUA),

em celebração ao centenário da compra do território da Louisiana, onde recebeu um prêmio. Remontado no Rio de Janeiro no início do século XX, em pleno processo de modernização da cidade, com as obras da grande reforma urbana do Prefeito Pereira Passos em andamento, o Pavilhão Brasileiro finalmente ganhou seu nome definitivo em homenagem ao presidente americano James Monroe.

Cientes do atraso em relação às nações mais desenvolvidas, os governantes da época desejavam apagar a imagem colonial do país com ações que visavam propagar uma imagem moderna do país. Depois de realizar uma Exposição de âmbito nacional em 1908, no Rio de Janeiro, na qual o Brasil ganhou experiência no tema, o país se rendeu aos apelos de vários setores da sociedade para realização de uma Exposição Internacional em celebração ao Centenário da Independência, em 1922. Essa Exposição teve o Palácio Monroe como Bureau Oficial de Informações e

cartão de visitas para entrada de visitantes no setor Internacional.

Até chegar a esse ponto, outras ações do governo foram executadas como pré-condições necessárias à montagem da grande Exposição, entre as quais o arrasamento do Morro do Castelo, outra obra polêmica executada naquele período.

A maioria das construções citadas no livro foi demolida. Até mesmo o Monroe, que serviu ao país de várias formas, não foi poupado. Essa é, sem dúvida, a demolição mais polêmica e a que até hoje deixa muita gente inconformada. A demolição aconteceu durante a Ditadura Militar, no Governo Geisel, que teve participação importante na decisão.

Drummond conta que a ideia do livro nasceu em 2007, quando cursava uma Pós-Graduação em Relações Internacionais. Ele conta que sempre se encantou pelo universo das grandes exposições. Ao mesmo tempo, se junta ao coro dos inconformados com a demolição do Palácio Monroe.

“O caso do Monroe precisa ser lembrado de forma permanente. Aliás, mais do que lembrado, o erro pela demolição precisa ser reparado. Gerações vêm sendo privadas desse bem público de imenso valor histórico e ninguém até hoje realizou qualquer compensação. Em algum momento, esse Palácio precisa ser reconstruído”, sonha o autor que rastreou documentos raros em instituições de pesquisa e memória, no Brasil e no exterior.

O autor ainda revela no Epílogo os vestígios remanescentes na cidade do que é narrado ao longo do livro. Suas últimas páginas funcionam como um guia turístico do Rio Antigo, indicando ao leitor endereços e locais da cidade que ainda possuem prédios, monumentos ou qualquer lembrança da época. É possível montar roteiros turísticos a pé, no Centro do Rio, para ver com os próprios olhos o que restou daquela época e o que desapareceu. Além de um importante documento de memória, o livro é uma leitura obrigatória para quem é apaixonado pela cidade e suas histórias.

Por Leonardo Lichote (Folhapress)

**M**emórias das salas de cinema de Santo Amaro, ideias de longa-metragens não realizados, o deslumbramento com filmes brasileiros como “Hitler Terceiro Mundo” e “Terra em Transe”, a falta de paciência com as séries americanas contemporâneas. Caetano Veloso passeou em panorâmica por sua relação com o cinema numa conversa realizada na noite de terça-feira (21) no Teatro Clara Nunes, na Gávea.

O evento marcou o lançamento de “Cine Subaé - escritos sobre cinema (1960-2023)”, da Companhia das Letras, que reúne textos de Caetano e trechos de entrevistas nos quais ele discorreu sobre o tema ao longo das últimas seis décadas. Organizadores do volume, Claudio Leal e Rodrigo Sombra fizeram o papel de entrevistadores no evento, que funcionou como uma espécie de trailer do livro.

Num teatro lotado, a conversa teve como ponto de partida um marco do início do fascínio de Caetano com o cinema - e, consequentemente, com a própria experiência da existência. Adolescente, ele assistiu “La Strada”, filme de Federico Fellini de 1954, no Cine Teatro Subaé. Sob a imagem da fachada do cinema projetada no fundo do palco do teatro, Caetano lembrou as marcas definidoras daquele episódio.

### Começo de tudo

“Fui ver ‘La Strada’, ou ‘A Estrada da Vida’, como foi chamado no Brasil, num domingo de manhã”, contou. “Aos domingos havia a matinal, de 10h às 12h. Fiquei tomado por emoções, chorei muito. Fui para casa e não consegui nem almoçar. Minha mãe ficou preocupada comigo. Fiquei chorando sozinho no quintal, pensando muito no filme. Tudo começa com ‘La Strada’”.

Caetano lembrou que, em casa, ouvindo as conversas de suas irmãs mais velhas sobre o neorealismo italiano, ele se preparava de alguma forma para as sessões. “Ia para o cinema já com algumas palavras e perspectivas na cabeça que me da-

vam uma condição especial”.

A própria presença da língua italiana alimentava seu encantamento. “Todos os filmes italianos eram dublados, diferentemente dos americanos que tinham som direto. Mas mesmo em cima da imagem fora de sync (sincronia), a língua italiana era um negócio belíssimo”.

De alguma maneira, Caetano via no cinema uma maneira de equacionar os interesses por desenho, pintura, música e texto. “O cinema tinha meio tudo: imagens, palavras. Eu já escrevia, mas gostava de escrever prosa, poesia eu tinha um pouco de medo, achava que alguma coisa precisava acon-

tecer dentro de mim para que eu pudesse escrever poesia. Mas vendo ‘La Strada’ pensei que o cinema podia mais do que qualquer outra coisa representar os aspectos mais interessantes e profundos da vida”.

Ao longo da conversa foram exibidas cenas de filmes nos quais Caetano participou como ator - entre eles “Tabu”, de Júlio Bressane, no qual o músico encarnou Lamartine Babo - ou autor de trilha sonora “A Dama do Lotação”, de Neville d’Almeida, para o qual ele compôs “Pecado Original”.

### ‘Sou um canastrão’

“Nelson Rodrigues (autor do conto homônimo em que se

# Paixão quem vem da infância

Caetano Veloso fala sobre fascínio pelo cinema em lançamento de livro com suas memórias cinéfilas

Divulgação



Caetano Veloso na praia durante as filmagens de ‘Cinema Falado’ (1986), sua primeira e única incursão como diretor

feitura de cinema profissional. Mas tudo aquilo tinha uma ação sobre minha imaginação muito forte. Já disse muitas vezes em entrevistas que o filme foi o gatilho em mim para o que viria a se chamar de tropicalismo”.

“Acossado”, de Jean-Luc Godard, foi outro filme citado por ele como fundamental para o movimento musical que articulou ao lado de artistas como Gilberto Gil e Tom Zé: “O essencial eu vi em ‘Acossado’”.

Sobre o único filme que dirigiu, “O Cinema Falado”, de 1986, Caetano diz que suas principais memórias estão relacionadas ao horário das filmagens. “Sou um cara que dorme muito tarde e acorda muito tarde”, explicou. “Para fazer o filme eu tinha que acordar às 7h. Era tão gostoso estar ali de manhã cedo vendo as pessoas trabalhando pela feitura das cenas. Nem me preocupava como ia ficar, era bom só estar ali. Ter uma vida matinal ativa, parecia que eu estava num sonho”, disse, para risos da plateia.

### Esquecimentos

Caetano brincou também com o fato de, ao longo da noite, mais de uma vez ter esquecido nomes de amigos como Neville d’Almeida: “A velhice é fogo pra memória”. Neville, aliás, foi personagem de uma das mais divertidas histórias da noite. Caetano lembrou que o cineasta disse a ele, quando estavam no exílio, que o baiano havia cantado Vicente Celestino, mas nunca teria coragem de gravar “Cucurucucu paloma” - clássico kitsch do cancionista mexicano.

“Esqueci daquilo”, contou Caetano. “Quando fiz ‘Fina Estampa’ (álbum dedicado à música da América Latina, lançado na década de 1990), não gravei ‘Cucurucucu Paloma’, nem lembrei disso. Um dia, fui numa festa e quando cheguei quem abriu a porta foi Neville. Na hora, ele me disse: ‘Covarde’, recordou, rindo. Na versão ao vivo do disco, acabou gravando a canção, que foi lembrada na conversa por ser a que ele canta numa participação em ‘Fale com Ela’, de Pedro Almodóvar.

baseou “A dama do Lotação”) me ligou e disse: ‘Caetano, que você brilhe como o sol até o fim dos tempos’, lembrou o baiano, que comentou também sua performance como ator depois de assistir a um trecho de “Tabu”: “Sou um péssimo ator, um canastrão terrível. Mas Julinho (Bressane)... Fiquei maravilhado com isso aí. Tem tudo do Brasil. Viva a poesia.”

O artista reafirmou a importância do cinema para sua música. “Zé Agrippino falou que ‘Terra em Transe’ era incrível, e quando vi achei ainda mais incrível do que ele havia dito”, contou. “Era um filme mal alinhavado no sentido de

O artista indígena Xadalu Tupã Jekupé inicia nesta quinta-feira (23) uma residência artística numa das salas do Museu Nacional de Belas Artes (MNBA). O trabalho que resultar desta residência, que vai até março do próximo ano, será doado ao acervo do MNBA.

O ateliê temporário estará aberto à visitação do público nos dias 23, 24, 28 e 29, das 15 às 17h. O número permitido é de até 15 pessoas, em razão de o Museu seguir em obras de restauração.

No sábado (25), de 11h às 13h, será promovida uma roda de conversa entre Xadalu, o artista Carlos Vergara e a curadora Sandra Benites. A mediação é de Simone Bibian, técnica em Assuntos Educacionais do MNBA. Serão distribuídas 30 senhas meia hora antes do início do evento.

Devido ao alagamento da casa e ateliê de Xadalu em Porto Alegre, foi preciso remarcar o evento, que aconteceria, a partir de 16 de maio, coincidindo com a Semana Nacional de Museus.

Como artista indígena, nascido no leste do pampa gaúcho, Xadalu descreve seu trabalho como questionador da História, buscando sua releitura decolonial, mas usando o suporte das imagens coloniais que estão disponíveis em livros e nas pinturas da coleção do Museu Nacional de Belas Artes.

“Para mim é um privilégio imenso e um sonho trabalhar dentro do MNBA, para fazer esse trabalho e contar a história do meu povo em uma narrativa que ainda não foi vista, e trazer o pensamento do povo da terra para dentro do museu, para espaços educativos e outros”, comenta.

Xadalu propõe o questionamento do processo de catequização imposta pelo invasor com uma releitura em pintura, a “arte indígena contemporânea”, como ele descreve.

Durante a residência no



Em virtude das chuvas que arrasaram o Rio Grande do Sul, Xadalu precisou adiar sua vinda ao Rio

# A arte resistente dos povos originários

Artista indígena gaúcho Xadalu inicia período de residência artística no MNBA e abre seu ateliê no local à visitação durante o mês de maio

MNBA, a intenção do artista é fazer uma ligação entre o espírito do homem e os objetos coloniais, pelos quais havia apego sentimental e de fé. “É o barroco jesuíta guarani agora com roupagem de pintura indígena contemporânea”, define Xadalu.

O artista avalia, porém, que sendo uma residência, é preciso deixar a linha de pensamento

aberta, porque haverá modificações a todo momento.

Para a diretora Daniela Matera, a residência artística de Xadalu, com a possibilidade de visitação pública, “é um prelúdio para reabertura do Museu Nacional de Belas Artes, que terá uma exposição individual do artista”. Matera prevê para o futuro próximo uma atualização “da

importância do MNBA no cenário cultural do Brasil, tornando-o uma instituição mais aberta, engajada socialmente, plural e porosa, ampliando seu alcance para a cultura dos séculos XX e XXI, para acolher as múltiplas histórias contadas e manifestadas através da Arte”.

Xadalu Tupã Jekupé é um artista indígena. Nascido em Alegrete, no pampa gaúcho, tem sua origem ligada aos indígenas que historicamente habitavam as margens do Rio Ibirapuitã, na antiga terra Ararengua: os Guaraní Mbyá, Charrua, Minuano, Jaros e Mbone.

O artista trabalha com as técnicas de serigrafia, pintura, fotografia e diversos objetos para

abordar a tensão entre a cultura indígena e ocidental nas cidades, tendo sua pesquisa voltada aos processos coloniais de catequização dos povos nativos.

Xadalu tem obras nos acervos do MNBA, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Museu Nacional, entre outros. Como artista residente, já esteve na França, Espanha, Itália e no território Mapuche, no Chile, pela 35ª Bienal de São Paulo (2023), entre outros.

## SERVIÇO

**ATELIÊ ABERTO XADALU**  
Museu Nacional de Belas Artes (Av. Rio Branco, 199 - Centro) | 23, 24, 28 e 29 de maio, 15 às 17h